

## Tá Pronto, Seu Lobo?

(seleção)

Paulo Machado

### post card 57 / 77

à memória do artista plástico fernando costa

na praça marechal deodoro  
às nove horas falavam  
da udn e do american-can

na praça marechal deodoro  
às nove horas há velhos com suas memórias  
recompondo o tempo

um louco jaime fazia ponto no cruzamento  
da barroso com a senador pacheco sem saber  
que existia a guerra fria

no cruzamento da barroso com a senador pacheco  
há um sinal que não raro  
encrenca desafiando a rotina

quinta-feira era dia de matar o tempo  
na praça pedro segundo enquanto os sapos  
copulavam nos lajedos do tanque

quinta-feira é um dia qualquer  
e na praça pedro segundo a mudança notável  
é a da posição da estátua que parece sorrir

nas tertúlias do clube dos diários  
uma geração embarcava no marasmo  
esquecendo tudo mais

não há tertúlias no clube dos diários  
as baratas medrosas saem das bocas-de-lobo  
admiram os caixotes de cerveja empilhados e fogem

nos canteiros da avenida frei serafim  
os cupins construía suas casas  
fiando estranha quietude

nos canteiros da avenida frei serafim  
putas acenam com gestos medidos  
a fome é mais forte que o medo

no bar carnaúba o sol roía o marrom  
das tabículas das mesinhas  
e os homens de casimira cinza faziam planos

não há bar carnaúba mas os homens  
de casimira cinza continuam fazendo planos  
cogitando não aceitando irreverências

na paissandu os bêbados  
pregavam a subversão  
e um bolero esquentava as entranhas da noite

a paissandu agoniza  
os bêbados já não falam tanto  
e a frieza da noite venceu o calor dos boleros

nas calçadas da simplício mendes  
um rosto magro madalena deixava brotar  
estranhamente um sorriso largo de espera

madalena morreu de câncer  
e nas calçadas da simplício mendes  
nada há que lembre sua presença

no mercado central pretas carnudas  
vendiam frito de tripa de porco  
fígado picado e caninha

no mercado central negrinhos descarnados  
catam laranjas e limões podres  
em plena manhã de maio

no cais do parnaíba piabas prata  
saltavam das águas barrentas  
como no sonho dos meninos

o parnaíba continua lavando as almas pagãs  
dos meninos fujões  
roendo as pedras do cais com a mesma fúria

## arquivo

ao contista m. de moura filho

adão andou nas mãos dos paisanos  
e foi encontrado na praça da liberdade  
como um mamulengo esquecido detrás do palco:  
olhos abertos, boca cerrada, músculos petrificados,  
sangue coagulado nas narinas.

adão virou manchete  
na pose três por quatro  
na última página de o dia

hoje, é um número qualquer  
arquivado  
à espera dos cupins.

**Paulo** Henrique Couto **Machado** nasceu em Teresina, Piauí, em 1956. Defensor público. Poeta e contista, pertence à Geração Pós-69. Na década de setenta, fez política estudantil e editou, ao lado de companheiros de geração, o jornal mimeografado **ZERO**. Integrou o grupo responsável pela edição do jornal alternativo **Chapado do Corisco**, em 1976 e 1977, em Teresina. Atualmente, participa da edição da revista **Pulsar**. Publicou *Tá Pronto, Seu Lobo?* e *A Paz no Pântano*, poesia; *O Anjo Proscrito*, contos; *As Trilhas da Morte*, ensaio sobre a matança e espoliação das populações indígenas na bacia hidrográfica parnaibana piauiense.